

## O ENIGMA DO ESPELHO E O QUE ELE MOSTROU

### THE MIRROR ENIGMA AND WHAT IT SHOWED

Mishael Mendes

Mais uma vez olho o espelho  
Surge a natureza de quem sou,  
Mas instantes após me mirar  
Esqueço a imagem vista ali...  
Percorre o luar nudez da pele,  
Abastado brancor que cintila

Vejo a realidade de quem sou.  
Se pagou imagem de outrora  
Como poeira fixou nos dedos,  
Retrato que não mais espelha,  
Só a memória persiste lembrar.  
Mas será que algum dia divergi

Daquilo revelado no parecer?  
O que se mostra a meus olhos  
É o que realmente tencionei?  
Apesar de ânsias e incertezas  
Isso é o que diz ser o espelho.  
Todas as minhas sentenças,

Aspirações e escolhas feitas,  
Também verdade e convicção,  
Vêm por terra ante à imagem,  
Nudeza que o espelho revelou.  
Olho pra frente, sigo a mirar,  
Se revelam cicatrizes no corpo,

Marcas impressas pelo tempo,  
Sinais de dor, represália, ilusão  
Também causadas pelo amar,  
Lado ferido pelo desejo maior.  
No silêncio que só a noite traz  
Envolve-me contínua presença,

Somente as trevas amenizam,  
Cobrindo de maldade órbitas  
A jogar sem compaixão alguma.  
Como pode o brilho d'estrelas  
Se manifestar na obscuridade  
De gélidos pensamentos teus?

A pálida imagem, a brilhar ali,  
Esquelética, não parece reagir,  
Nem se digna dar a conhecer.  
Pele de mármore, pedra, barro,  
E água se misturam em húmus.  
Corrente soprada pelo tempo

Levou folha a folha, despindo  
Por completo os ramos meus,  
Afastou pra distância infinda,  
Me carregando longe de mim,  
Essência que o barro absorveu.  
De repente, um som toma o ar,

Sentenças sopradas, angústias,  
Respiração a carregar pesares.  
O invisível adquire forma, peso,

Me fazendo descer ao abismo,  
Escuridade onde habita solidão,  
Sofrimento é distanciamento

Da energia gerada pelo amor.  
Por companhia me resta a dor  
Única constante a permanecer  
Sem forças, beiro o silêncio...  
Nas profundezas do temor  
Apenas trevas me vêm visitar.

Sem fôlego, como irei bradar?  
Do espaço retorno à divagação,  
No alvor da pele, escuros olhos,  
Num brilho a cansaço carregar,  
Questionam por saída não vista  
Esvaem ante imagem refletida.

No esquecimento, aqui estou,  
Sem precisar minha chegada,  
Me encontro preso, sem rumo,  
Com a fúria do mar a circundar  
Dia a dia levantando contra mim,  
No espelho parece não se findar

Segue pela noite, cresce sofrer;  
Vendaval a se opor no caminho,  
Não dissipa ou ainda cicatriza.  
Terá o sossego me silenciado?  
A alma desfaz, vertendo gotas,  
No sofrimento, sopro liquefaz.

O que antes era energia, vital,  
Agora carrega a apatia da dor,  
Esmaga o que da onda restou.  
O abismo traz um, dois, outros,  
Quando vi era escuro pra voltar  
A noite caiu e a visão enturvou.

Da ilusão, o intenso esplendor,  
Impediu enxergar, do turbilhão,  
Profundezas da escura vereda  
Onde os passos foram apalpar.  
Por que te abates, aqui dentro,  
Ó, alma, cercada de amolação?

Tua distância não alcança o sol,  
Corpo celeste a conceber fulgor.  
Distância é dor, fragmentação,  
É paralisia, ausência e morte,  
Da imagem se esquece sentido,  
Desfigurando sua semelhança.

Clamo e não sou ouvido, grito  
E o som não ecoa a minha voz,  
Onda no escuro a se desfazer.  
Na alvorada me lanço ao chão  
Até os lábios beijarem a terra,  
Da pedra abundante água saiu,

Se desmanchando em prantos  
Traz pra fora dor calada no ser.  
Pelo espelho consigo devassar

A semelhança do que nem sei;  
No escuro, só sombras se vê,  
Contorno do que foi ou será,

Estranhas e formas restantes.  
A luz que pela janela adentra  
Contorna a lividez do corpo,  
No espelho só vejo em parte  
Enigma a sombrear mistério.  
No fim é que o começo está.

Divagando sobre o espelho  
Percebo conhecer um pouco  
Além do que posso entender;  
Desconheço aquilo que sou.  
Face a face com a imagem ali,  
Semelhança diz nada de mim

Ou quem, um dia, poderei ser;  
Imagem em enigma a observar,  
Com olhar que invade cortante,  
A cobrar muito, nem sei o quê;  
Os olhos já nem posso sustentar,  
Resistência pra isso não mais há,

Nem posso tornar as madeixas  
Do branco em preto outra vez.  
Almejo, de rosto descoberto,  
Não necessitar mais me mirar,  
Vendo tamanhas imperfeições,  
Mas ser rio de pureza do cristal

A refletir luz que a terra invade,  
Como onda inundando a praia;  
É quando alçarei a completude  
Não mais cota em decaimento.  
Espelho, de veras, a dura face  
Diz que a imagem ante a mim

É reflexo das ações cometidas,  
Pelos pés e mãos que optaram  
Por trilhar a esmo a escuridão.  
Ouço abundância da água soar,  
Rugindo, abala a terra e o céu  
Ante a potência de seu bramir

Movimenta as fontes em mim.  
Apenas a pureza e sinceridade  
Dos sentimentos derramados  
Me sustentam noites e manhãs;  
Dos meus olhos correm rios,  
Incessante torrente de penar,

Escorrendo, descem pelo rosto  
Seguindo no rumo dos lábios,  
Saciando, servem de alimento,  
Ao passo que sofro prostrado.  
De madrugada ouço murmúrio,  
Um clamor, soam palavras ditas,

Da janela surge frescor do vento,  
Ao entrar, traz consigo calma.  
Em angústia continuo a clamar,

Tento mudar impulsos elétricos,  
Propagando em alta velocidade,  
Sem controle ou decodificação,

Percorrem sob pele esmaecida,  
Energia transmuta em química  
E física das dinâmicas: reações.  
O que era sopro se materializa,  
Descompassando o relógio vital,  
Cadeias que ao circo prenderam.

A apenas setenta e cinco metros  
Em cada segundo se entrecorta,  
Sendo a alma percorrida por dor  
Até se tornar insólito o palpável  
E ela se render, cativa ao vento,  
Lançado e pisoteado foi o sal.

Uma canção soa aos ouvidos  
Sonora, vibrante, uma oração;  
E os lábios que em profanação  
Destilaram o desejo do prazer  
São os mesmos a soar louvor,  
Ação do favor que o alcançou.

Ínfimo ser que o espelho expôs,  
Desfigurada matéria a se mirar  
Vê a necessidade de preencher  
A imensidão do abismo em si  
Com algo maior que sensações;  
Do brilho que reluz a essência.